

---

## Fotojornalismo e Fotoativismo Sob A Ótica Da Teoria Da Cultura Marxista Em Raymond Williams<sup>1</sup>

Estela Loth COSTA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### RESUMO

O presente artigo propõe uma análise do fotojornalismo e do fotoativismo enquanto formas de representação visual que escapam à cultura dominante, partindo de uma pesquisa bibliográfica para propor reflexões sobre o tema. Pretende-se realizar uma breve apresentação das contribuições de Raymond Williams para a teoria da cultura marxista, bem como de conceitos base para a compreensão da mesma, traçando um paralelo com o fotojornalismo contra hegemônico e o fotoativismo, a fim de reconhecê-los e diferenciá-los nesse universo teórico. Identificou-se no fotojornalismo práticas alternativas residuais e opositoras residuais e o fotoativismo enquanto prática opositora emergente. Por fim, propõe-se uma discussão, a partir de Williams, sobre a análise das práticas e dos objetos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; Fotojornalismo; Fotoativismo; Teoria da cultura marxista

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma análise do fotojornalismo e do fotoativismo enquanto formas de representação visual que escapam à cultura dominante, partindo de uma pesquisa bibliográfica para propor reflexões sobre o tema. Pretende-se realizar uma breve apresentação das contribuições de Raymond Williams para a teoria da cultura marxista, bem como de conceitos base para a compreensão da mesma, traçando um paralelo com o fotojornalismo e o fotoativismo, a fim de reconhecê-los e diferenciá-los nesse universo teórico.

O estudo aqui proposto pretende partir de uma perspectiva crítica ao determinismo tecnológico a respeito do desenvolvimento da fotografia enquanto tecnologia cultural e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, e-mail: loth.estela@gmail.com

---

de informação, sob a concepção de que “qualquer tecnologia específica é subproduto de um processo social determinado por outras circunstâncias” (WILLIAMS, 2016 p. 27).

Além de ser uma tecnologia específica, a fotografia também deve ser analisada a partir dos usos sociais que se fazem dela. A fotografia é uma forma de representação visual, fruto de uma prática cultural específica, inserida em um processo social. Ou seja, não deve ser entendida de forma estática ou isolada ao longo da história. Lorenzo Vilches (1984. p.14), entende a fotografia como “(...) um traço visível, reproduzido por um processo mecânico e psicoquímico, de um universo pré-existente, mas não adquire significado senão por um jogo dialético entre um produtor e um espectador”. Ou seja, a fotografia está inserida em um processo onde a prática de quem a produz imprime significados, ao mesmo tempo em que o espectador também participa dessa produção de significados.

Entendendo a fotografia enquanto tecnologia cultural produtora de significados que pode ser utilizada com fins informativos, questiona-se qual papel tal tecnologia pode desempenhar na sociedade. Seja nas artes ou nos meios de comunicação, Miguel e León (1998. p.86) apontam que “a foto pode ajudar a compreender e denunciar situações sociais de fome, violência, privação ou opressão. A fotografia também pode contribuir para uma compreensão crítica da sociedade”. Este papel é, portanto, o elemento central das práticas do fotojornalismo contra-hegemônico e do fotoativismo.

Fotojornalismo é um termo bastante estudado no campo da comunicação. Diferentes autores a partir de diversas perspectivas estudam o tema seja enquanto prática ou objeto (ou os dois). Pepe Baeza, pesquisador espanhol, define que

O termo fotojornalismo designa indistintamente uma função profissional desenvolvida na imprensa e um tipo de imagem veiculada por ela. De acordo com o critério funcional de classificação das imagens a partir da finalidade de seu uso e do circuito em que se inserem, o fotojornalismo representa o tipo de imagem midiática mais reconhecida e consagrada. (Tradução livre. BAEZA, 2007. p.36)

Fotoativismo é um tipo de ativismo ainda pouco explorado em pesquisas, apesar de ser uma prática amplamente difundida e desenvolvida por fotógrafos e coletivos de arte fotográfica e mídia independente. Trata-se de uma atividade que visa documentar e informar por meio de imagens com fins de transformação da realidade social. O conceito de ativismo “se refere à ideia de ações coletivas politicamente orientadas, principalmente

as que envolvem formas de protesto” (BATISTA, 2012. p. 21-22). Sendo assim, o fotoativismo se ocupa com a produção de imagens de caráter informativo e/ou denunciativo com a finalidade de pautar temas pouco discutidos, ou até negligenciados, pela mídia.

Cabe ressaltar que fotojornalismo e fotoativismo não são conceitos antagônicos. Mas são atividades que se utilizam de uma mesma tecnologia, a da fotografia, a serviço de um tipo de informação. Entretanto, há uma diferença básica entre eles: o fotojornalismo tem, necessariamente, uma relação com o jornalismo e seu enunciados verbais, enquanto o fotoativismo é independente.

A princípio, será feita uma breve apresentação de aspectos teóricos relativos aos conceitos de hegemonia e incorporação, por serem elementos chave para a compreensão de uma teoria da cultura de tradição marxista. A seguir, pretende-se identificar as práticas do fotojornalismo e do fotoativismo seguindo as contribuições de Raymond Williams quanto à identificação de significados e práticas que escapam à cultura dominante e que estão sujeitas ao processo de incorporação. Por fim, discute-se a forma de análise de obras ou fotografias enquanto objetos alienados de suas práticas, a fim de justificar uma abordagem de análise dos objetos oriundos tanto do fotojornalismo quanto do fotoativismo.

## **2. HEGEMONIA**

Primeiramente faz-se necessário revisar o conceito de Hegemonia, desenvolvido pelo filósofo marxista italiano Antonio Gramsci. Dênis de Moraes (2016. p. 15), em seus estudos sobre o pensamento gramsciano, aponta que “na perspectiva de Gramsci, o conceito de hegemonia caracteriza a liderança ideológica e cultural de uma classe sobre as outras”. Cabe ressaltar que tal definição refere-se a um conceito complexo inserido em um processo. Para Williams (2011. p.52), hegemonia não é um imenso monolito, não é estática ou isolada.

Temos de enfatizar que a hegemonia não é única; ao contrário, suas próprias estruturas internas são muito complexas e devem ser renovadas, recriadas e definidas de forma contínua; pelo mesmo motivo, podem ser constantemente desafiadas e em certos aspectos, modificadas. É por isso que ao invés de falar “da hegemonia” ou “de uma hegemonia”, gostaria de propor um modelo que permite esse tipo

---

de variação e contradição com seus conjuntos de alternativas e seus processos de mudança. (WILLIAMS, 2011. p. 52)

Raymond Williams (2011. p. 53) ressalta que é preciso entender todo um conjunto que envolve práticas e expectativas, a compreensão da natureza do homem e do seu mundo, propondo a existência de “um sistema central, efetivo e dominante de significados e valores que não são meramente abstratos, mas que são organizados e vividos”.

A hegemonia constitui, então, um sentido de realidade para a maioria das pessoas em uma sociedade, um sentido absoluto por se tratar de uma realidade vivida além da qual se torna muito difícil para a maioria da sociedade mover-se, e que abrange muitas áreas de suas vidas. (WILLIAMS, 2001. p. 53)

Há também que destacar a atuação dos chamados aparelhos privados da hegemonia, que segundo Moraes,

(...) atuam como difusores de concepções particulares de mundo, que almejam legitimar-se na sociedade civil. É o caso precípua dos meios de comunicação, atores políticos diferenciados, tendo em vista seu raio de alcance massivo, a capacidade persuasiva e a interferência desmedida na conformação do imaginário coletivo. (MORAES, 2016. p. 20).

O autor também aponta que:

Na perspectiva gramsciana, a imprensa e o jornalismo, cada qual em sua dimensão específica e em momentos de fertilização mútua e complementaridades, são agentes históricos essenciais para modelar a opinião pública e delinear os contornos da vontade pública. (MORAES, 2016. p. 63).

É importante ressaltar que a imprensa burguesa tem papel fundamental na manutenção da hegemonia. Moraes afirma que:

Gramsci situa a imprensa no centro nevrálgico da produção do consenso que fundamenta o exercício de poder na sociedade capitalista. Ele percebe que, em momentos de crise do sistema representativo tradicional, a imprensa às vezes extrapola sua função habitual de informar e tem um peso desproporcional na vida pública, inclusive interferindo nos processos de escolha de governantes e pressionando governos politicamente vulneráveis.” (MORAES, 2016. p. 91)

---

Sendo assim, a hegemonia pode ser entendida como artifício de manutenção de classe não estática, histórica e integrada a um processo. Ela, com toda sua complexidade, é chave na manutenção da cultura dominante que, por sua vez, é a cultura da classe dominante imposta a outras classes ou membros da sociedade.

### 3. INCORPORAÇÃO

Sabendo que a cultura dominante não é estática e a-histórica, cabe buscar aqui uma das chaves para a sua manutenção ao longo da história. O processo de incorporação é apresentado por Williams (2011. p.53-54) como algo do qual a cultura dominante é dependente para se manter efetiva. O autor aponta que:

nenhum modo de produção e, portanto, nenhuma sociedade dominante ou ordem da sociedade e, destarte, nenhuma cultura dominante pode esgotar toda gama da prática humana, da energia humana e da intenção humana (essa gama não é o inventário de alguma “natureza humana” original, mas, ao contrário, é aquela gama extraordinária de variações práticas e imaginadas pelas quais seres humanos se vêem como capazes). (WILLIAMS, 2011. p.59)

Diante de toda a gama da prática humana, cabe à cultura dominante um movimento de identificar e selecionar tudo aquilo que será incorporado por ela, ou não. Segundo Williams,

Mas sempre o ponto-chave é a seleção - a forma pela qual, a partir de toda uma área possível do passado e do presente, certos significados e práticas são escolhidos e enfatizados, enquanto outros significados e práticas são negligenciados e excluídos. De modo ainda mais importante, alguns desses significados e práticas são reinterpretados, diluídos ou colocados em formas que dão suporte ou, ao menos, não contradizem os outros elementos dentro da cultura dominante eficaz. (WILLIAMS, 2011. p54)

Sendo assim, a fim de se manter efetiva, a cultura dominante reconhece formas outras que lhe escapam e as incorpora desde que substancialmente a hegemonia não seja afetada. Williams (2011. p.63) completa dizendo que “nesse processo, obviamente, a cultura dominante se altera, não em sua formação central, mas em muitos de seus traços articulados”.

---

### 3.1. ALTERNATIVAS E Opositoras

Existem significados e práticas que escapam à cultura dominante que precisam ser reconhecidos (WILLIAMS, 2011. p.59). Tudo aquilo que está fora ou se opõe à cultura dominante, independente da sua natureza ou intenção, pode estar sujeito a incorporação.

Sendo assim, Williams (2011. p.55) propõe pensar sobre significados, valores e práticas que não figuram a cultura dominante efetiva. Segundo o autor, estes podem ser expressos de duas formas: “Há claramente algo que podemos chamar de alternativo à cultura dominante, e há outra coisa que podemos chamar de opositora em seu verdadeiro sentido” (WILLIAMS, 2011. p.55).

Além disso, Williams (2011. p.58) aponta que “há uma distinção teórica simples entre o alternativo e o opositor, isto é, entre alguém que meramente encontra um jeito diferente de viver e quer ser deixado só e alguém que encontra uma maneira diferente de viver e quer mudar a sociedade”.

O fotojornalismo é elemento amplamente explorado pela imprensa. A fotografia, que nasce num contexto positivista e carrega consigo a ideologia da objetividade<sup>3</sup>, foi incorporada pelo jornalismo para credibilizar os enunciados verbais com imagens que funcionam como prova dos fatos (SOUSA, 2004. p. 33). Entretanto, Vilém Flusser (1985. p.10) aponta que “a aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens”, por imagens técnicas entende-se qualquer imagem produzida por intermédio de um aparelho. Sendo assim, “embora as fotografias sejam construções das ações tomadas por fotógrafos e editores, o jornalismo, no dia-a-dia das redações, irá usá-las - em um plano institucional - como simples espelhos dos eventos que elas descrevem” (FERREIRA, 2015. p.126).

Jorge Pedro Sousa (2004. p. 33), partindo de uma perspectiva histórica, aponta que o fotojornalismo nasce em meados da década de 50 do século XIX. Sendo assim, é possível supor que o fotojornalismo já nasce a serviço da imprensa burguesa, que por sua vez, é aparelho privado da hegemonia.

Entretanto, cabe ressaltar que o fotojornalismo não é um elemento isolado e nem pode ser tomado como estável. Nesse sentido, há de se considerar que, nesse processo, o fotojornalismo se transforma, não só mantendo sua função na hegemonia, mas também

---

<sup>3</sup> Segundo Sousa (2004) a ideologia da objetividade diz respeito à ideia de que a fotografia retrata objetivamente a realidade.

em práticas que se opõem a ela. Existem práticas de fotojornalismo que, em suas imagens, transmitem ideias não hegemônicas. Estas podem ser fruto de um trabalho em imprensa independente, por si só não hegemônica, ou mesmo fruto de um trabalho de profissionais inseridos na imprensa burguesa. Sendo assim, as práticas fotojornalísticas que contrariam o hegemônico mesmo inseridas na imprensa burguesa, são alternativas. Opositoras são aquelas que se utilizam dos métodos do fotojornalismo tradicional, mas têm intenção revolucionária.

O fotoativismo, por sua vez, desde o seu surgimento, produz imagens com narrativas contrárias às da cultura dominante. Há de se considerar também que essas imagens não têm uma finalidade em si, mas visam informar e denunciar, pautando discussões sobre a realidade a partir de diferentes perspectivas para promover transformação social. Sendo assim, é possível supor que o fotoativismo é uma prática opositora.

### **3.1.1. Residual e Emergente**

Seja alternativo ou opositor, existem mais duas formas de se analisar elementos da cultura que escapam ao hegemônico. Raymond Williams (2011. p.56) propõe a ideia de culturas residuais e emergentes. O autor explica que existem atividades culturais reais que se baseiam em resíduos de alguma área importante do passado.

Por “residual” quero dizer que algumas experiências, significados e valores, que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante são, todavia, vividos e praticados como resíduos - tanto culturais quanto sociais - de formações sociais anteriores. (WILLIAMS, 2011 p.56)

Ou seja, as práticas residuais nascem internamente à própria cultura dominante e se transformam em alternativas ou opositoras dentro do complexo processo. Por outro lado, o autor apresenta o emergente como as atividades reais inteiramente novas, que de antemão, já são foco de atenção e suspeita da cultura dominante.

Por emergente quero dizer, primeiramente, que novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências estão sendo continuamente criados. Mas há, então, uma tentativa muito anterior de incorporá-los, apenas por eles fazerem parte - embora essa seja uma

---

parte não definida - da prática contemporânea efetiva. (WILLIAMS, 2011. p.57)

De todas as mudanças que ocorreram no fotojornalismo, é necessário ressaltar que houve impacto significativo do desenvolvimento de tecnologias. A forma de realizar o registro fotográfico passou por muitas alterações. Entretanto, em essência, o fotojornalismo segue entendido como “a atividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou “ilustrativas” para a imprensa ou outros projetos editoriais ligados à produção de informação de atualidade” (SOUSA, 2004. p.12). Seja a prática fotojornalística alternativa ou a opositora, ambas podem ser vistas como residuais por estarem apegadas a valores e significados que o fotojornalismo carrega desde o seu nascimento.

O fotoativismo, por outro lado, se apresenta enquanto uma prática emergente, por ser uma forma de ativismo nova e ainda pouco explorada. As mudanças tecnológicas ocorridas no campo da fotografia, no caso do fotoativismo, justificam seu surgimento em vistas da popularização das câmeras fotográficas, permitindo assim que outros atores sociais, que não são fotojornalistas, produzam imagens a fim de informar sobre uma realidade que não interessa à cultura dominante tornar pública.

#### **4. PRÁTICA E OBJETO**

Williams (2011. p.64) faz uma crítica à forma de analisar obras de arte como objetos a serem reduzidos a seus componentes. Essa é uma prática de análise que posteriormente foi colocada na área dos estudos da comunicação. O autor argumenta que “as condições sociais reais de produção foram, em todo caso, negligenciadas, porque se acreditava que elas fossem, na melhor das hipóteses, secundárias” (WILLIAMS, 2011. p.64). Vilém Flusser (1985. p.33), no que diz respeito à fotografia, também alerta sobre a redução da obra a um objeto:

(...) eis como as fotografias são recebidas: enquanto objetos, não têm valor, pois todos sabem fazê-las e delas fazem o que bem entendem. Na realidade, são elas que manipulam o receptor para comportamento ritual, em proveito dos aparelhos. Reprimem a sua consciência histórica e desviam a sua faculdade crítica para que a estupidez absurda do funcionamento não seja conscientizada. (FLUSSER, 1985. p.33)



---

Sendo assim, Flusser e Williams apontam para a alienação do processo, entendendo as obras ou as fotografias de forma estática, renunciando a toda sua complexidade e dinamicidade. Williams (2011. p.66) ainda afirma que é necessário e romper com a ideia de isolamento do objeto na prática de análise. O autor segue a tradição marxista ao insistir que esses objetos fazem parte de um todo, não são estáticos e não são a-históricos. Por isso é importante se voltar para a prática de produção daquele objeto a fim de recuperar as condições históricas e sociais, que por sua vez, são determinantes nos componentes daquele objeto.

Quando nos vemos analisando uma obra particular, ou um grupo de obras, com frequência percebendo a da comunidade essencial de que faz parte e sua individualidade irreduzível, devemos primeiro nos voltar para a realidade da sua prática e para as condições da prática tal como foi realizada. (WILLIAMS, 2011. p.66-67)

Dessa forma, seguindo a proposição de Williams, entende-se a necessidade de compreender o fotojornalismo e o fotoativismo a partir de suas práticas, sem aliená-las em função de seus objetos. Ambas as práticas, como partes desse processo, estabelecem relação com o desenvolvimento de tecnologias, não só as da fotografia, mas também as que permitem a divulgação das imagens produzidas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em um primeiro momento foi feita uma breve revisão dos conceitos de hegemonia e incorporação, por entender que estes são de fundamental importância para a compreensão da teoria da cultura de tradição marxista e das contribuições de Williams para a mesma. Também faz-se necessário o entendimento de que os elementos da cultura estão inseridos em um processo histórico que é construindo a partir da interferência humana e justifica as mudanças que se desenham com o passar do tempo. Ou seja, o autor apresenta um modelo de cultura que inclui as contradições e descarta a imutabilidade da mesma.

Sabendo que a cultura dominante não consegue esgotar tudo que o ser humano produz, Williams (2011. p.53-54) propõe que tudo que, de alguma forma, escapa dela está sujeito ao processo de incorporação. A identificação dessas práticas a partir dos conceitos

---

de alternativo, opositora, residual e emergente são fundamentais para entender sua incorporação ou rejeição pela cultura dominante.

É justamente a compreensão do processo histórico que leva ao entendimento da existência de práticas fotojornalísticas que fogem à cultura dominante. Mesmo que o fotojornalismo tenha sua origem em práticas da imprensa burguesa, e portanto a serviço da cultura dominante, o mesmo se transformou ao longo da história (e segue se transformando). Compreender tais práticas hoje passa por também analisar criticamente o contexto atual. Além das mudanças nas tecnologias utilizadas na prática do fotojornalismo, o mesmo também apresenta hoje, além da já tradicional contribuição à hegemonia, fazeres que são alternativos e que se opõem a cultura dominante. Portanto, o fotojornalismo pode ser alternativo e residual, bem como opositor e residual, dependendo de quais práticas se analisa. Ambas são residuais pois ontologicamente o fotojornalismo não se alterou.

Por outro lado, o fotoativismo é uma prática que nasce de possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento tecnológico. Para além da popularização de câmeras fotográficas, há de se considerar que a mudança na posição do receptor, que agora tem a possibilidade de também, dentro de certos limites, ser emissor em rede, também foi motor para o surgimento da prática do fotoativismo. A união desses dois fatores possibilitou a emergência de uma prática que coloca em debate a necessidade de ampliar a abrangência do que é discutido pela imprensa atualmente. Pode-se considerar esta uma prática de atores sociais que, até então, eram pouco ouvidos, ou até mesmo negligenciados. Por isso, o fotoativismo é uma prática opositora e emergente.

Essa forma de compreender essas práticas culturais reforça a importância de se realizar uma análise da cultura, e conseqüentemente dos meios de comunicação, sem alienar a prática em detrimento do objeto. No caso do presente estudo, a fotografia, imagem bidimensional fruto de um aparelho, deve ser analisada, em primeira instância, a partir da produção da mesma levando em consideração o contexto histórico e as intenções inerentes a esse movimento.

Entende-se que, se a dominação é a forma de organização da sociedade, sempre haverá divergência entre dominantes e dominados. Por isso, defende-se uma prática de análise da cultura que desvele as contradições desse sistema. Sendo assim, reforça-se a necessidade de realizar novos estudos sobre o fotojornalismo e fotoativismo, bem como outros elementos culturais, a fim de, não apenas compreender a sua dinamicidade em si,

---

mas também as contradições que o cercam em uma organização societária baseada na dominação.

## 6. REFERÊNCIAS

BATISTA, Jandré Correia. **Apropriações ativistas em sites de redes sociais: cartografia das ações coletivas no twitter**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012. < <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4511/1/442636.pdf> >; Acesso em 18.set.2020

FERREIRA, Jorge Carlos Felz. **Narrar a Guerra: produção de sentido no Fotojornalismo**. 2013. 194 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.

MIGUEL, Jesus M. de; LEÓN, Omar G. Ponce de. **Para una Sociología de la Fotografía**. Revista Española de Investigaciones Sociológicas, Madrid, v.84, p.83-124, 1998.

MORAES, Dênis. **Crítica da mídia e hegemonia cultural**. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis. ARGOS, 2004.

VILCHES, Lorenzo. **La lectura de la imagen: prensa, cine, television**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1984.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Tradução André Glaser. - 1 ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Tradução Marcelo Serelle; Mário F. I. Viggiano. - 1 ed. - São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, MG: PUCMinas, 2016.